

RESENHA DO LIVRO “ECOLOGIA: GRITO DA TERRA, GRITO DOS POBRES” DE LEONARDO BOFF

Por *Renan Marcos Larocca*¹

Leonardo Boff, expoente da Teologia da Libertação, é professor de Teologia Sistemática no Instituto Franciscano de Petrópolis. Já ministrou aulas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e foi professor visitante em várias universidades estrangeiras. Já publicou mais de oitenta livros, em diversas áreas da Teologia.

Antes de expor uma nova cosmologia e um novo paradigma ecológico, o autor, no primeiro capítulo, descreve a situação da Terra, pátria-mátria comum. Com inúmeras citações, de grande base científica, desperta-se aos sintomas de que a Terra está doente, precisando ser vista como casa comum, em que se exige responsabilidade ética. O diagnóstico que está na base do atual paradigma “é o progresso, a prosperidade, o crescimento ilimitado de bens materiais e de serviços, apropriados individualmente e sob o regime da competição e da mercantilização de tudo” (p. 27). A crise ecológica está na posição do homem sobre a casa comum e não junto dela. Tal paradigma não é único, nem absoluto. Deve-se buscar um novo paradigma, que leve em conta a comunidade planetária, chamado Era Ecozoica, da qual se vê as partes do todo em interdependência, sem divisão e assimilação. A Terra, portanto, forma uma única entidade complexa, chamada de Gaia. Entidade que se insere num processo de auto transcendência. “O universo e cada fenômeno são vistos como resultado de uma cosmogênese” (p. 68). Por fim, o autor encerra o capítulo com as características do novo paradigma emergente, retomando as ideias ditas no decorrer do texto.

No segundo capítulo, à luz do novo paradigma, levanta-se uma nova cosmologia e ecologia, tendo como eixo a re-ligação universal. “Cabe à cosmologia re-ligar todas as coisas e criar a cartografia do universo” (p. 79). Da gênese do cosmo até hoje, tudo está re-ligado. O a., com base na ciência atual, desenvolve essa tese. Do útero primordial, passando pela galáxia e pelo sistema solar, chega-se à Terra e ao ser humano. Este não está desconectado de todo esse desenvolvimento, mas é parte.

Em seguida, no terceiro capítulo, o a. expõe a crise ecológica, que é a perda da re-ligação, demonstrada no capítulo anterior, indo às causas do problema. Antes de

¹ Bacharel em Filosofia pelo Centro de Estudos Superiores “Sagrado Coração de Jesus”, São José do Rio Preto-SP, e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG. E-mail: renan.larocca@hotmail.com

aprofundar a causa primordial da crise, o a. elenca algumas explicações: tecnologia, desenvolvimento ilimitado, antropocentrismo, poder-dominância, religião distorcida. Dentro do processo evolucionário há imperfeição, pecado. Sua maturidade será alcançada, no fim, em Deus. O ser humano, nesse processo, pode ajudar ou atrapalhar, na medida em que se re-liga com tudo e todos ou se centra em si mesmo.

Focando na realidade amazônica, templo da biodiversidade do planeta, o a., no quarto capítulo, mostra como a lógica do capital destrói vidas. Antes, derruba os mitos da Amazônia como selvagem, pulmão e celeiro do mundo. Os indígenas são humanos que se relacionam com a natureza. A guerra contra a Amazônia acontece nos megaprojetos, nas estradas, nas hidrelétricas e nas mineradoras, sob “um paradigma linear, cego para a totalidade ecológica e insensível a qualquer dimensão humanística ou ética” (p. 194). As vítimas são os indígenas e os garimpeiros, além da natureza. Chico Mendes é exemplo de tantos outros que se puseram ao lado dessas vítimas.

No quinto capítulo, o a. relaciona a ecologia com a teologia da libertação. Na mesma lógica da exploração dos pobres, a terra, grande pobre, também é abusada, sob um paradigma antropocêntrico dominador. Referências ditas nos capítulos anteriores são retomadas. O cuidado com a natureza decorre de sua dimensão sagrada, como o a. desenvolve no sexto capítulo. A humanidade é parte da evolução do universo. Por isso, a natureza, assim como a humanidade, tem direitos. Tal relação de respeito, admiração, reto uso, como o a. analisa, é presente no modo como os indígenas veem a Terra: Mãe, Casa, Ser Vivo.

O modo ancestral de se relacionar com a Terra deve ser modelo para uma nova ordem ecológica mundial, que é o tema do sétimo capítulo. A mudança de paradigma é elementar. Deve-se situar como parte consciente da Terra e não algo isolado sobre Ela. “O universo culmina em cada um na forma de consciência” (p. 267). Para além de um desenvolvimento sustentável, ainda no atual paradigma, a solução é um modo alternativo, baseado na ética da compaixão e da corresponsabilidade universal, numa democracia ecológico-social-planetária.

No oitavo capítulo, o a., para não levar a ética a um moralismo, fundamenta teologicamente o cuidado da natureza. As teorias científicas apontam para um Começo e para uma razão do Universo. O panenteísmo, diferente do panteísmo, é a marca de Deus em tudo e todos. Na ótica cristã, é a marca trinitária. Assim como a Trindade é comunhão, relação, o Universo, desde sua origem, é relação. Nos capítulos nono e décimo, o a. fala da presença de Deus, por meio do Espírito e de Cristo cósmico, na

criação, pois o Pai cria por Cristo no Espírito. No processo de cosmogênese e antropogênese, “Deus-Trindade perpassa essa totalidade e vai emergindo de dentro dela” (p.359). Há marcas crísticas e pneumáticas na criação.

Decorrendo dos três capítulos anteriores, o decimo primeiro capítulo mostra a base para uma re-ligação entre Criador e criação: ecoespiritualidade, para além de uma espiritualidade antropocêntrica. Espírito é Vida. A Terra, como Gaia, Organismo Vivo, deve ser integrada na espiritualidade cristã. Pensar, sentir e amar como Terra. Contrapondo o espírito hegemônico, São Francisco é exemplo, no último capítulo, de “um espírito de convívio com a natureza” (p. 407), de alguém que resgatou a essência do cristianismo, que são as relações com Deus, com a natureza e com o próximo, na dinâmica da fraternidade. Por fim, o a., na conclusão, confronta os dois paradigmas com ajuda do discurso do cacique Seattle e da Carta da Terra. O paradigma alternativo é estar com a Mãe natureza e não sobre ela. Para tal, apresentam-se alguns princípios direcionadores, que encerram o livro.

O livro é de leitura agradável. Seus capítulos estão todos conectados, mantendo uma lógica básica, que é repensar o paradigma hegemônico à luz de outras formas de se relacionar com a natureza, vista como Mãe, Organismo Vivo, Gaia. As inúmeras citações e referências bibliográficas dão solidez às teses do autor e motivam outras leituras. O tema é urgente, como se vê no Magistério do Papa Francisco. O livro ajuda a prolongar o que está expresso da *Laudato Si*, em que crise ambiental está intricadamente ligada com a crise social, fruto de um antropocentrismo. Grito da Terra se relaciona com o grito dos pobres. O abuso dos pobres está na mesma lógica dominadora do abuso da Terra, a grande pobre. Ajuda a compreender, também, a necessidade do Sínodo da Amazônia, para pensar o cuidado da Casa Comum, onde o lucro e a ganância falam mais alto.

Referências:

BOFF, L. *Ecologia, grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra*. Ed. ver. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2015.

Recebido em: 19/09/2019
Aprovado em: 25/10/2019